

Lição 13 - A formosa Jerusalém

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto. E-mail do autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto da leitura bíblica em classe:

9 E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro.

- Esta quarta visão de João, que começa em Ap. 21.1, é a revelação da Noiva de Cristo em toda a sua glória. Esse quadro é bastante confortador e se apresenta como um maravilhoso contraste com a primeira visão das sete igrejas sitiadas da Ásia Menor (Ap. 1.12-20; Ap. 2 e 3). Ela nos dá a esperança e a certeza de sermos agradáveis a Cristo quando Ele aparecer. Ao mesmo tempo, ela afirma a necessidade das provas e das tribulações que servem para aperfeiçoá-la.

- Este trecho de Ap. 21.9-22.7 é causa de grande divergência de entendimentos. Alguns vêem essa passagem como uma descrição do estado eterno, enquanto outros a consideram uma descrição do milênio. Alguns interpretam a cidade como uma referência à igreja em relação a Cristo, enquanto outros a julgam uma referência a Israel na sua relação com Cristo. Alguns a interpretam como uma cidade literal e outros como uma representação simbólica. Estas e outras dúvidas são as que procuraremos elucidar daqui em diante, cada uma a seu tempo.

- A opinião defendida por vários autores é que, após descrever o estado eterno em Ap. 21.1-8, João faz uma recapitulação do milênio, a fim de descrever mais detalhadamente aquele período. Argumentam, entre outros, com a referência à saúde (cura) em Ap. 22.2, semelhante à de Ez. 47.12, concluindo que o texto não poderia se referir ao estado eterno, pois não haverá necessidade de cura na eternidade. Entretanto, não faria sentido essa suposta recapitulação. Parece evidente que o texto de Ap. 21.9-22.7 é uma continuação de Ap. 21.1-8, devendo, portanto, entendido como se referindo ao estado eterno, e não ao milênio. A cura das nações aqui mencionada não envolve necessariamente um retorno às condições milenares. As nações que existirem no fim dos mil anos do reinado de Cristo precisam de cura para a bênção total e final que será introduzida depois. Muitas vezes a cura é mencionada nos profetas em sentido espiritual e não no sentido literal. Ademais, observemos que havia uma árvore da vida no jardim do Éden para sustentar Adão no seu estado pré-queda, sendo que ela não tinha referência ao pecado ou à doença. Da mesma forma não pode ser literalmente interpretada a periodicidade desse mesmo texto de Ap. 22.2 ("dando seu fruto de mês em mês"), até porque não haverá mais limitações temporais nesse estado eterno.

- Há quem entenda que os anjos aqui referidos são homens remidos, não seres celestiais, afirmando, com base em Ap. 22.8-9, que ele teria dito a João que é um profeta. Mas trata-se de um evidente erro de interpretação, pois o anjo não disse a João que é um profeta; disse que é um conservo dos profetas. Também não socorre o argumento com o texto de Ap. 21.17 ("conforme a medida de homem, que é a de um anjo"), adiante interpretado, pois aí também não se diz que o anjo era um homem, mas apenas que a medida (côvado) de um e de outro são semelhantes.

- É provável que este anjo seja o mesmo que foi mentor de João desde Ap. 17.1. Pode-se comparar as palavras do anjo ali, que levou João "em espírito" (Ap. 17.3) a um deserto para contemplar a grande meretriz, onde havia também a declaração "Vem, mostrar-te-ei". Embora este versículo e o trecho de Ap. 17.1 sejam bem parecidos em sua forma de expressão, aquilo que é mostrado em seguida é bastante diferente. Porém, até mesmo nisso há um certo paralelismo (na forma de contraste), porquanto ali é mostrada a João a meretriz, a mulher poluída, que deve ser entendida como a Roma pagã, mas aqui lhe é mostrada a mulher pura, a "Noiva de Cristo". A noiva (do grego *numphe*) é posta em violento contraste com a meretriz (do grego *porne*); cada

indivíduo precisa escolher que atitude caracterizará sua vida.

- De toda forma, ainda que se considere que o anjo aqui referido é o mesmo de Ap. 17.1, isso por si só não prova que a descrição da nova Jerusalém que aqui se faz é milenista, e não um estado eterno, como dissemos. O fato de o mesmo anjo descrever os dois momentos não identifica esses momentos como se fossem um só.

- Assim como os anjos da ira ou das taças de cólera mostraram a João a ímpia cidade mundana, sob o simbolismo de uma meretriz, assim também agora um daqueles anjos mostra a João a cidade de Deus, sob o nome de noiva ataviada. E parece que o Espírito da profecia desse modo queria ilustrar o fato de que a cólera de Deus é uma chama, que pode ser dividida no relâmpago da justiça ou na luz do amor.

- As sete taças são as referidas nos capítulos 15 e 16 de Apocalipse.

- É entendimento corrente em nosso meio que a esposa de Cristo é a igreja; há na verdade diversos textos bíblicos que corroboram esse entendimento (entre outros: Ez. 16, Is. 49.18; 54.6; 61.10; 62.5; Jr. 2.2,32; Os. 2.16). Mas, em verdade, conforme este texto, a esposa de Cristo é a grande cidade, a Santa Jerusalém, citada no próximo versículo. Foi isto que o anjo mostrou a João ao prometer mostrar-lhe a esposa, a mulher do Cordeiro.

- Trata-se de uma metáfora, aplicada à cidade santa, significando que o povo de Deus habitará nela. Todos os que vão morar na Santa Cidade, e não apenas um grupo seletivo, fazem parte da esposa.

- A esposa não é Israel dos tempos do Antigo Testamento, ou uma parte da igreja do Novo Testamento, ou toda a igreja, ou os 144 mil judeus, ou os santos da tribulação, ou algum indivíduo ou grupo especial dentre os remidos, ou alguma denominação evangélica, ou até mesmo todas as denominações juntas.

- A Nova Jerusalém foi prometida aos santos do Antigo Testamento (Hb. 11.10-16), à igreja na terra (Jo. 14.1-3; Hb. 13.14), a todo cristão (Ap. 3.12; Hb. 12.23), aos 144 mil judeus (Ap. 7.1-8; 12.5; 14.1-5), e aos santos da tribulação (Ap. 6.9-11; 15.2-4; 20.4-6).

- Não é, portanto, correto dizer que a igreja é a esposa de Cristo; ela faz parte da esposa, mas não é a esposa. A esposa é a cidade, a nova Jerusalém, da qual fazem parte todos os santos de todos os tempos.

- Assim como “a grande prostituta” (Ap. 17.1-4), a cidade da Babilônia (Ap. 17.5), representa os habitantes da terra em geral, e especificamente o povo de Roma, a esposa de Cristo, a nova Jerusalém, representa o povo da aliança com Deus.

- Era costume, em algumas culturas do Oriente, que as mulheres viessem para seu casamento trazendo o dote exposto sobre seu corpo. Mulheres abastadas teciam moedas de ouro e prata, pérolas e pedras preciosas em seus trajes de casamento. Mulheres extremamente abastadas poderiam cobrir-se com tantos metais e jóias valiosos que chegavam a parecer mais uma cidade ambulante do que um ser humano (Sl. 45.9-15). A Noiva de Cristo terá essa espécie de riqueza em seu casamento. A grande prostituta era muito rica, mas sua riqueza foi acumulada por meio do sangue dos santos (Ap. 17.6). Nossa riqueza também foi comprada com sangue; a diferença é que em nosso caso trata-se do sangue de Cristo, que foi oferecido gratuitamente.

- O termo “esposa” é usado 4 vezes na Bíblia com relação aos cristãos (Jo. 3.29; Ap. 21.2,9; 22.17). O termo “esposo”, 10 vezes (Mt. 9.15; Mc. 2.19-20; Lc. 5.34-35; Jo. 3.29). Todas essas passagens referem-se aos cristãos que viverão na Nova Jerusalém, que é a noiva, a esposa do Cordeiro.

- A palavra aqui traduzida por “mulher”, no original grego, é *gune*, que se refere a uma mulher casada ou solteira. Esta palavra é traduzida na Bíblia por “mulher” 129 vezes, e por “esposa” 92 vezes. Está claro em Lc. 4.26, 10.38, Jo. 19.26, 20.11-15, 1Tm. 5.2,14 que essa palavra pode se referir tanto a mulheres solteiras,

casadas ou viúvas. Portanto, a teoria de que Israel é a esposa de Cristo porque ela é casada com Deus não está provada. É verdade que Israel está casada com Deus, mas isto não é prova de que ela é a mulher e a esposa de Ap. 19.7, 21.2,9, 22.17.

- O termo grego para “esposa” é *numphe*, traduzido como “esposa” (Jo. 3.29; Ap. 18.23; 21.2,9; 22.17) ou “nora” (Mt. 10.35; Lc. 12.53).

- A mulher ou esposa aqui é a Cidade Santa, a nova Jerusalém, e é o mesmo que esposa em Ap. 19.7, que são os remidos de todas as eras que farão parte da primeira ressurreição e que viverão na nova Jerusalém para sempre. Esta é a razão porque a “esposa” de Ap. 19.7 não é chamada de “noiva”.

- Algumas provas de que a igreja agora está casada: 1) Jesus se diz o esposo dos cristãos (Mt. 9.15; Mc. 2.19,20; Lc. 5.34,35); 2) João chamou Cristo de esposo (Jo. 3.29), sendo que o termo grego para “esposo” é *numphios*, significando um homem recém-casado; 3) os cristãos estão casados com Deus e com Cristo de acordo com os termos do Novo Testamento, enquanto Israel está casado com Deus de acordo com os termos do Antigo Testamento (Mt. 26.28; Lc. 22.20; 2Co. 3; Hb. 12.24); 4) Paulo ensinou que os cristãos estão casados com Cristo por meio da nova aliança (Rm. 7.1-6); os santos do Antigo Testamento não serão aperfeiçoados separadamente dos santos do Novo Testamento (Hb. 11.40); isto significa que todos seremos aperfeiçoados juntos como aqueles que são os habitantes da nova Jerusalém, a mulher do Cordeiro; 6) Jesus, em Ap. 22.16-17, após a ascensão, reconheceu que os cristãos na terra já eram sua esposa ou fariam parte de sua esposa; 7) Paulo, em 1Co. 11.3, 12.12-28, Ef. 4.12-16, 5.25-33, usou a relação de casamento para ilustrar e ensinar o relacionamento de Cristo com a Sua igreja, provando que os cristãos agora estão casados com Cristo; 8) Paulo também ensinou que os cristãos agora estão unidos ao Senhor ou casados com Ele em um Espírito, como estava Israel nos dias do Antigo Testamento (Is. 56.6; Jr. 50.5).

- Portanto, os cristãos estão agora casados com Cristo e chegarão ao fim das festas nupciais (2Co. 11.1-21; Ap. 19.1-10). A aparente contradição pode ser explicada pelo costume hebreu (Mt. 1.18). As festas de noivado aconteciam legalmente na condição de um casal casado, e a infidelidade neste período era adultério (Dt. 22.23; Mt. 1.19). As festas de encerramento aconteciam no momento em que o casal se juntava como homem e mulher, em cuja ocasião a ceia das bodas era oferecida. O casamento era consumado quando o casal entrava na câmara nupcial. A ceia das bodas do Cordeiro em Ap. 19 é simplesmente a cerimônia de encerramento, e não o contrato de casamento estabelecido na conversão.

- Os cônjuges, embora sendo dois indivíduos distintos, tornam-se "uma só carne" (Gn. 2.23; Mt. 19.5-6; Mc. 10.8; 1Co. 6.16). Isto é um mistério, como diz Paulo em Ef. 5.32. De algum modo há uma fusão de seres no casamento (recentemente a ciência confirmou este mistério, ao constatar que na relação sexual ocorre transfusão sanguínea entre os órgãos genitais masculino e feminino). Devemos evitar a prostituição porque não podemos ter essa espécie de união mística com uma prostituta, e nem ainda em relações sexuais adúlteras. Na qualidade de noiva de Cristo, temos essa união mística com Cristo. Quando somos remidos em Cristo, começamos a participar de Sua natureza e, finalmente, chegaremos a participar de toda a plenitude de Deus (Ef. 3.19; Cl. 2.10). Essa é a verdade bem ilustrada no simbolismo do Noivo e da noiva.

- A Bíblia, no Antigo e no Novo Testamentos, utiliza-se do casamento, uma ocasião festiva, para simbolizar a glória espiritual final e a alegria dos fiéis servos de Deus. No Novo Testamento, isso simboliza, especificamente, o recebimento da Noiva por parte de Cristo (Ef. 5.23; Mt. 9.15; Jo. 3.29). No Antigo Testamento, ver Is. 54.1-8; Ez. 16.7-14 e Os. 2.19. A interpretação alegórica de Cantares de Salomão retrata Deus como marido da nação de Israel; e isso tem sido usado pelos intérpretes cristãos para contemplar a igreja como a Noiva de Cristo. As religiões helenistas de mistérios também empregavam esse símbolo, considerando a união entre seus adeptos e o salvador-deus como uma espécie de matrimônio sagrado. Os cultos de fertilidade também empregavam tal símbolo. A parábola das virgens loucas e das prudentes pinta o reino como uma espécie de festa de casamento (comparar Mt. 25.1-13 com Mt. 22.1-14). Em Mc. 2.19-20 Jesus alude a si mesmo como o noivo, e seus discípulos seriam os convidados. Em Jo. 3.29, João Batista refere-se a

Jesus como o noivo. Paulo fez uma aplicação mística e escatológica sobre esse símbolo, dizendo que ele apresentava os gentios convertidos como uma noiva de Cristo. Por ocasião da segunda vinda de Cristo, essa noiva será pura e preparada para o noivo (2Co. 11.2), e esse é o simbolismo que ele elabora ainda mais em Ef. 5.22-27. O segundo advento de Cristo será o tempo em que Jesus virá recompensar a seus servos. Uma maneira elaborada de expressar como ele os galardoará é provida no simbolismo da festa de casamento. Tão grande será a recompensa dos fiéis que o Senhor os receberá como quem recebe uma noiva.

- A celebração das bodas será nos céus, pois somente ali há meio ambiente adequado e condições apropriadas para nossa união alegre e triunfal com Cristo. João, por assim dizer, nos declara: "Vede como os mártires triunfarão!". Mas isso, naturalmente, envolve também todos os crentes de todos os séculos. Aqueles que repelirem as prostituições mundanas serão honrados como noiva de Cristo. Cada indivíduo tem essa escolha a fazer.

- Essa referência ao casamento é apenas uma maneira de expressar a proximidade entre a igreja e Cristo, no tocante à sua natureza e aos seus propósitos. Cristo é o cabeça, e nós somos seu corpo (1Co. 6.15; Ef. 1.23; Cl. 2.19). Igualmente, Ele é a videira, e nós os ramos (Jo. 15). O simbolismo da noiva mostra não apenas uma união íntima, mas também alegria e posição elevada. Assim, transformados na imagem de Cristo, haveremos de assumir a posição imediatamente abaixo da dele, no universo - mais alto que quaisquer outros seres criados (Ef. 1.23-3.19; Cl. 2.9-10). Nisso há alegria e confiança, tal como uma noiva recém-casada se regozija em seu marido e confia em sua força. Todos esses símbolos nos fornecem algum discernimento sobre a natureza da salvação, o que envolve muito mais que o perdão dos pecados e a transferência futura para os céus.

- Notemos os três símbolos de casamento no Apocalipse: 1) a mulher que dará à luz o menino, Cristo (Ap. 12); 2) a meretriz, Roma (Ap. 17 a 19); 3) a noiva de Cristo (Ap. 19 e 21). A meretriz divide seu afeto entre muitos; a noiva se dedica exclusivamente a Cristo.

- A população da nova Jerusalém será radicalmente diferente da antiga Jerusalém, antes de sua destruição em 586 a.C. Naquele tempo, Deus disse a Jeremias: "Dai voltas às ruas de Jerusalém, e vede agora, e informai-vos, e buscai pelas suas praças, a ver se achais alguém ou se há um homem que pratique a justiça ou busque a verdade; e eu lhe perdoarei" (Jr. 5.1). Ou seja, nas vésperas de sua destruição, Jerusalém era muito mais pecadora que Sodoma e Gomorra (Gn. 18.32).

- Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito para consolar e fortalecer os mártires cristãos. O fato de que eles estarão e habitarão na nova Jerusalém talvez seja a promessa e o consolo finais deste livro. A própria morte será extinta e os santos, ainda que tenham sido mortos violentamente, às mãos de homens ímpios e desvairados, triunfarão finalmente. Quão grande será o triunfo dos santos!

- A pureza da cidade depende de seus habitantes. Todos os habitantes da nova Jerusalém serão puros (Ap. 21.7,8,27). Foram purificados por Deus e lavados no sangue do Cordeiro. Cumprirão as profecias que há muito tempo são preciosas para Israel (Is. 4.2-6; 52.1 e segs; Mq. 4.1-7; Zc. 13.1; 14.8,21).

- A noiva deve estar preparada, o que é frisado em Ap. 21.7-8. Ela deve fazer preparativos para a chegada do noivo, e isso inclui a purificação dela. Primeiramente, a noiva deve tomar o banho nupcial, para então vestir-se de trajes novos e limpos, símbolo da alma purificada pelo sangue de Cristo, bem como pela água da Palavra (Ef. 5.26), através da atuação do Espírito Santo (2Ts. 2.13; 1Ts. 4.3). A própria tribulação haverá de contribuir para purificar a igreja, preparando-a para receber o noivo, o que é o cerne do ensino do Apocalipse.

- A noiva estará pronta (Ap. 19.7), o que significa que terá todas as virtudes morais e espirituais (Gl. 5.22-23). Essas virtudes são aspectos do fruto do Espírito na vida diária do crente, e não meras qualidades humanas. Por meio delas chegamos a possuir a natureza da santidade e da bondade do próprio Deus (Mt. 5.48). Mediante a transformação moral chegaremos a ter a natureza metafísica de Cristo (Rm. 8.29; 2Co. 3.18).

- A noiva foi atavida e agora é digna do Noivo. Está adornada com a santidade de Deus, a qual foi duplicada nela (Mt. 5.48). Também está adornada com a natureza divina (2Pe. 1.4), pelo que é digna de ser a noiva de Cristo. E está adornada com toda a plenitude de Deus, participando de seus atributos (Ef. 3.19; Cl. 2.10). A própria cidade está adornada (fato frisado em Ap. 21.2), mas seus habitantes também estão adornados (fato frisado neste versículo e nos seguintes).

- A verdadeira vantagem espiritual não se acha onde vivemos, mas naquilo em que somos diariamente transformados, segundo a imagem de Cristo. Um marido se interessa muito mais pela beleza e caráter de sua esposa do que pela casa que ele lhe provê, e na qual ela vive. As recompensas e coroas não são coisas materiais que chegaremos a possuir em algum mundo eterno, mas uma realização espiritual, em que Cristo é formado em nós, tratando-se, assim, de uma realização em nossas próprias almas.

- Cristo como o Cordeiro é um símbolo comum no Apocalipse, e isso é algo típico dos escritos de João (Jo. 1.29; Ap. 5.6,8,12,13; 6.1,16; 7.9,10,14,17; 12.11; 13.8,11; 14.1,4,10; 15.3; 17.14; 19.7,9; 21.14,22,23,26; 22.1,3).

10 E levou-me em espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu.

- O restante deste capítulo 21 do Apocalipse é um brilhante relato sobre a nova cidade de Deus. A visão é simbólica e nos mostra que nosso novo lar ao lado de Deus é tão maravilhoso que desafia qualquer descrição. João usa linguagem simbólica para descrever a cidade santa, cuja glória ultrapassa os limites da compreensão do entendimento humano. Não ficaremos desapontados ao chegarmos à nova Jerusalém.

- João usa uma linguagem humana para descrever algo que é indescritível em termos humanos. Por isso, nem sempre ele acha os termos adequados para essa descrição. É por isso que ele usa termos como “semelhante” (v. 11 e 18), assim como Ezequiel já havia empregado o termo “como” (Ez. 40.2), certamente por não ter achado os termos adequados para uma descrição mais pormenorizada. Como disse Paulo: "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam" (1Co. 2.9). Por isso, não devemos nos esquecer que a nova Jerusalém é da dimensão celestial e, portanto, muito de sua descrição é figurativa, alegórica, não podendo ser compreendida literalmente, pois se trata de uma descrição feita por Deus aos homens para que pudéssemos compreender, na limitação da nossa mente, o que nos está reservado, pois é algo que está muito além de nossa parca imaginação.

- A Jerusalém celeste é mais sublime que os céus, porque estes são insuficientes para receber a noiva do Cordeiro. Por isso, Deus formará um novo céu, quando consumir a atual criação (Is. 65.17; 2Pe. 3.13; Ap. 21.1). A formação de um novo céu e uma nova terra não significa aniquilação dos existentes. A palavra grega empregada em Ap. 21.1 é *parechomai* e significa passar de um estado para outro. Então, a terra voltará a seu estado de perfeição original, como era antes da entrada do pecado. É nesse lugar de perfeição que Deus encravará sua cidade.

- Lembremo-nos que os rabinos compartilhavam da noção platônica de como as esferas celestiais ou espirituais são os arquétipos de tudo quanto existe na terra, como paralelos celestes, e segundo o molde dos quais as coisas terrenas foram criadas como imitações. Assim, todas as coisas terrenas têm seus paralelos celestiais. Desse modo, a Jerusalém terrestre seria um pequeno quadro de uma outra cidade, seu paralelo eterno. O estado eterno será a realidade, e não uma mera imitação.

- A expressão inicial deste versículo tem um paralelo com Ap. 17.3, em que João também foi levado "em espírito". Há algum questionamento doutrinário sobre se a referência aqui é ao espírito de João ou ao Espírito Santo, como em Ez. 3.12. Na verdade, apesar de essa experiência ser causada pelo Espírito de Deus, provavelmente trata-se de uma referência ao espírito de João, o que significa que ele foi transportado fora do

corpo, estando em forma espiritual, ou seja, uma projeção da alma saindo do corpo, à semelhança do que talvez tenha ocorrido com Paulo (2Co. 12.2-3).

- A referência a um grande e alto monte pode ser contrastada com o deserto, para onde João foi transportado a fim de ver a horrenda meretriz (Ap. 17.3). O deserto é baixo, ressequido e árido, o lar da meretriz. O monte é elevado, frutífero e saudável, lar dos justos, da noiva de Cristo. Notem que também Ezequiel foi levado a um monte muito alto quando viu a cidade com o templo restaurado (Ez. 40.2). A visão das glórias futuras de Deus pode ser melhor contemplada das alturas consagradas da auto-rendição e da oração. Em um monte isolado, o monte da súplica e da separação do mundo, é que a luz e a glória de Deus podem ser melhor contempladas.

- Em razão de João se referir a um grande e alto monte, há quem entenda que a nova Jerusalém não é um cubo, mas uma cadeia de montanhas que começam com montanhas baixas ao pé de outras mais altas, do lado de dentro dos muros. Segundo este entendimento, por aproximadamente 2.400 km, a cidade ascende ao monte mais alto no qual está localizado o Tabernáculo ou templo celestial, onde as cenas de Ap. 4 e 5 serão vistas por todos os que visitarem o principal edifício. Deste alto monte, João teria visto a cidade, as ruas, os rios etc.

- Mas, com a devida vênia, tal entendimento não procede. O que João disse neste versículo foi que ele foi levado em espírito a um grande e alto monte, de onde ele viu a cidade, o que não significa que esse monte fosse parte dela. Do monte ele viu a cidade, mas o monte não necessariamente faz parte da cidade. Ademais, ainda que o monte fique na cidade, na santa Jerusalém, isso não impede o entendimento de que ela seja constituída como um cubo perfeito, com as medidas citadas no versículo 16, contanto que o grande monte não tenha mais de doze mil estádios (2.240 km), o que, ao menos humanamente falando, seria impossível, já que o maior monte que existe na face da Terra, o monte Everest, no Nepal, tem “apenas” 8.844 metros, o que equivale a 0,39% da altura da nova Jerusalém. O monte citado por João neste versículo precisaria ser 253 vezes maior do que o monte Everest para ultrapassar as medidas do versículo 16, impedindo então que pudéssemos considerar a nova Jerusalém como um cubo perfeito, como ali dito.

- De toda forma, não há que se considerar de forma tão literal o monte. Em Ez. 40.2 está dito que "havia sobre ele (o monte) um como edifício de cidade"; ou seja, Ezequiel não conseguiu descrever bem o que via e por isso narrou como "um como edifício"; por isso a descrição não pode ser tomada em sentido tão literal.

- A nova Jerusalém, ou Jerusalém celeste, já fora mencionada no versículo 2 deste capítulo 21. Ali parece ser descrita como uma cidade literal, que descenderá dos céus, o paralelo da Jerusalém terrena. Neste ponto são descritos os seus habitantes, chamados coletivamente de “Noiva de Cristo”. É costume corrente se chamar de “cidade” tanto aos edifícios e localização geográfica dos mesmos como aos seus habitantes. Esse duplo significado parece ser empregado neste capítulo 21. Assim, pois, nenhuma cidade diferente da do versículo 2 é aqui descrita, mas apenas há uma maneira diferente de contemplar a mesma coisa.

- A antiga Jerusalém, que será a capital do mundo no milênio, é suficientemente boa para esse período; mas, para o estado eterno, terá de haver uma nova e celestial Jerusalém, o lar dos justos. É o local que substituirá o Éden como morada de Deus com os homens.

- Muito além de um paraíso, ou de um mero jardim, como no Éden (que continuará a existir - ver Ap. 2.7), na eternidade haverá também a cidade de Deus, muito mais valiosa e imponente, que exigiu um labor muito mais vasto que no caso de qualquer homem que cuidasse do jardim do Éden. As pedras vivas (1Pe. 2.5), com o tempo, foram laboriosamente moldadas, segundo o modelo da principal pedra angular, preparando-as para o lugar que preencherão para sempre na Jerusalém celestial.

- A superioridade da nova Jerusalém em relação ao Éden pode se ver, entre outras, pelas seguintes razões: a) no Éden havia, a princípio, apenas minerais (Ez. 28.13) e só depois Deus plantou nele um jardim para ali colocar o homem (Gn. 2.8-9); na nova Jerusalém, entretanto, haverá, desde o início, minerais e vegetais (Ap. 21.12-21; 22.1-2); b) no Éden Deus comparecia na viração do dia para falar com o homem (Gn. 3.8), enquanto

que, na nova Jerusalém, a convivência será eterna, contínua, pois lá não haverá nem mesmo noite (Ap. 21.3); c) Deus visitava o Éden, mas morará conosco na nova Jerusalém; d) no Éden, o homem, embora vivendo em delícias, tinha dores, tanto que Deus falou em multiplicar as dores de parto (Gn. 3.16); na nova Jerusalém, porém, é dito que Deus removerá todo pranto, toda dor, toda lágrima, todo clamor (Ap. 21.4); e) no Éden, o homem era meramente um mordomo, com poder apenas sobre a criação; na nova Jerusalém, entretanto, o homem, embora continue sendo servo de Deus, participa do governo divino, não é mais simplesmente servo, mas amigo de Deus (Jo. 15.15; Ap. 21.5); f) no Éden, havia uma restrição ao homem, que era a de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn. 2.16-17); na nova Jerusalém, porém, não há notícia de qualquer restrição ao homem nem de que esta árvore continue a existir ali, mas se faz menção tão somente à árvore da vida (Ap. 22.2); g) no Éden houve espaço para a maldição divina (Gn. 3.14-17), mas na nova Jerusalém ninguém ou nada jamais poderão ser amaldiçoados (Ap. 22.3); h) no Éden, o governo e a administração eram humanos, sob a supervisão divina (Gn. 1.26-28; 2.16); na nova Jerusalém, o governo e a administração serão divinos, com participação humana (Ap. 22.3,5).

- A descrição da nova Jerusalém, que se estende até Ap. 22.5, é detalhada e eloquente, rica em simbolismos. Presumimos estar em foco, do princípio ao fim, um ou outro daqueles pontos de vista sobre a cidade (edifícios/população), e às vezes prevalece algum desses pontos de vista sobre o outro.

- Devemos entender aqui uma cidade literal, até quando a cidade celestial está sendo descrita. Ela terá a aparência descrita, mas os itens que formam sua aparência são, ao mesmo tempo, símbolos espirituais do caráter do estado de bem-aventurança dos justos; ou, em alguns casos, são descrições do caráter dos próprios justos. A exposição da glória não deve ser meramente um lugar onde habitemos, mas também uma realização espiritual, para ser concretizada na alma.

- A descrição da nova Jerusalém no Apocalipse é semelhante à de Isaías 60. O profeta do Antigo Testamento mencionou um extenso uso de materiais preciosos (Is. 60.5-9,17) e da luz eterna vinda do Senhor (Is. 60.1,2,20) - não do sol, lua ou estrelas (Is. 60.19-20) -, portões que nunca se fecham (Is. 60.11), a justiça de cada habitante (Is. 60.21) e os reis das nações estrangeiras que vêm à cidade para adorar a Deus (Is. 60.11-14).

- Este retrato da Noiva de Cristo estabelece um maravilhoso contraste com a revisão das sete igrejas da Ásia Menor, feita anteriormente por Jesus (Ap. 2 e 3). Este retrato afirma a nossa esperança de que seremos puros (Ef. 5.22-32; 1Jo. 3.2-3; Ap. 7.14) e a necessidade da tribulação. A tribulação e as provações aperfeiçoam e purificam nossa fé (Tg. 1.2; 1Pe. 1.6-7; Ap. 3.18), para que nosso Noivo celestial fique orgulhoso de Sua Noiva. Aqueles que labutam na igreja deverão, nesse meio tempo, manter esses dois retratos em equilíbrio: não somos o que éramos, nem o que ainda seremos.

- A queda da Jerusalém terrena acentuou a tendência do surgimento da expectativa de uma cidade nova ou renovada na terra, elevando tal expectativa para a esperança de uma cidade celestial e transcendente, embora o apaixonado desejo pela restauração da cidade e do templo, na era messiânica, ainda fosse forte.

- A cidade é chamada de santa porque todos os males que corromperam os antigos céus e a antiga terra e que exigiram, finalmente, sua própria extinção, agora já não existem. Somente a santidade agora habita ali (Hb. 12.14). A noiva participará da santidade do próprio Deus (Rm. 3.21) como também de suas virtudes morais positivas (Mt. 5.48). E, por causa disso, possuirá a própria natureza metafísica de Cristo (2Co. 3.18).

- A cidade é “de Deus” porque “o artífice e construtor é Deus” (Hb. 11.10). Como nota Paulo, “a Jerusalém que é de cima é livre, a qual é mãe de todos nós” (Gl. 4.26). Isso pode ser contrastado com a personificação de Roma como a meretriz. Agora, Jerusalém, a pura, a santa e a eterna, toma conta da cena, da qual desaparecera Roma, a prostituta.

- A cidade “que de Deus descia do céu” significa que essa Jerusalém celeste se unirá à Jerusalém terrena, literalmente descendo do céu. Ela descerá para a terra no início do milênio e ficará acima da Jerusalém

terrestre durante mil anos e a iluminará. Assim, a Jerusalém terrestre se transformará na cidade “casada” descrita por Isaías: “Nunca mais te chamarão Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais Assolada; mas chamar-te-ão Hefzibá; e à tua terra, Beulá, porque o SENHOR se agrada de ti; e com a tua terra o SENHOR se casará” (Is. 62.4). Aqui o profeta descreve a glória de Sião durante o milênio; a cidade antes desamparada será chamada *Hefzibá* (“meu regozinho está nela”); a terra antes assolada será chamada *Beulá* (“casada”). E o Senhor habitará em Sião e se regozijará sobre ela como o noivo se regozija da noiva.

11 E tinha a glória de Deus. A sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente.

- As cidades antigas eram modestas e muito sujas. Tinham paredes de pedra, construídas sobre leitos de rochas ou montes de terra batida. Os portões eram feitos de madeira grossa e suportados por barras de ferro. As estradas eram sujas, apenas pavimentadas com pedras em casos excepcionais. Os melhores edifícios eram feitos de pedra, e os menores com tijolo cozido ao sol. Sem nenhum sistema de saúde pública e de remoção regular de lixo, a maioria delas estava assolada por moléstias e maus odores.

- A nova Jerusalém será totalmente diferente. Sua descrição enfatiza sua pureza e perfeição. As fundações da cidade são de pedras preciosas, ao invés de barro; jaspe ao invés de rochas em suas paredes e edifícios feitos de ouro, e não de madeira ou pedras.

- Ter a glória de Deus indica, particularmente, a presença de Deus, e não somente a Sua manifestação ocasional (Ex. 40.34). Em Ap. 21.3 isso é ratificado: "Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus". Isso fará a glória divina, a *shekinah*, vir habitar permanentemente com os homens.

- A glória de Deus é uma característica típica dos lugares santos e, por isso, a nova Jerusalém é o lugar santo por excelência e nela não haverá necessidade de templo, pois o seu templo será o próprio Deus. A nova Jerusalém é a morada de Deus com os homens, um lugar onde Deus se manifestará na Sua glória. Teremos um privilégio que um dia foi do querubim ungido, qual seja, o de contemplar a glória de Deus para todo o sempre.

- A luz refere-se ao resplendor da cidade, como se ela fosse uma gigantesca pedra preciosa. A nova Jerusalém não precisa de um sistema sofisticado de tochas ou lâmpadas para afastar a escuridão, pois ali não haverá noite (Ap. 21.25). Não necessita nem da luz do sol, da lua ou das estrelas que Deus criou, por ocasião da criação da luz (Gn. 1.3; Jo. 1.4-8). A nova Jerusalém é iluminada do interior para o exterior pela presença de Deus e do Cordeiro (Ap. 21.23; Ex. 13.21. Sl. 43.3; 118.27; Is. 9.1-2; Is. 60; Zc. 14.6). O esplendor de sua luz atrairá os reis e as nações (Is. 60.3).

- Alguns podem indagar se essa luz é física ou espiritual, mas essa dúvida não é fundamental. Ela apenas testemunha nossa origem terrena, de onde os aspectos físico e espiritual foram separados para sempre desde a queda do homem. Na nova Jerusalém o físico e o espiritual serão uma única entidade, não duas - eternamente!

- A pedra de jaspe é normalmente verde, da cor do mar. Mas aqui ela é retratada como sendo clara, semelhante ao cristal resplandecente. Por isso, alguns entendem que estaria em foco aqui o diamante, ou alguma espécie rara de pedra. Não há como identificar essa pedra com certeza absoluta. A explicação óbvia é que o termo grego usado aqui, traduzido como jaspe, não se referia somente ao jaspe das línguas modernas, mas a qualquer pedra preciosa opaca, não sendo impossível que se refira ao diamante.

- Há uma referência ao jaspe em Ap. 4.3. O que ali foi dito acerca da manifestação de Deus, agora é dito acerca da aparência da cidade, a qual participa da glória divina. Isso é especialmente verdadeiro no caso da noiva, a qual participará da natureza de Cristo (Rm. 8.29).

- Alguns autores vêem as pedras preciosas (o jaspe, o sardônio e a esmeralda) como algo que fala acerca de

Cristo, buscando o significado desses símbolos no Antigo Testamento. Em Ex. 28.15-21 se vê que o peitoral do sumo sacerdote tinha 12 pedras preciosas, arrumadas em quatro fileiras. Entre elas estavam o jaspe e o sardônio. Sobre o sardônio, a pedra de cor vermelha como sangue, estava gravado o nome de Rúben, o primogênito de Israel. Na última pedra, o jaspe, estava gravado o nome de Benjamim, a última das tribos. Supõe-se que o simbolismo indique que a pedra vermelha como sangue, o sardônio, foi o primogênito de Israel. A pedra clara (jaspe), neste caso, falaria sobre vitória, isto é, sobre a segunda vinda de Cristo, tal como a primeira pedra, por falar de sua expiação, refere-se à sua primeira vinda. Em Ap. 4 a ordem de apresentação das pedras é revertida, supostamente porque a expiação agora era passada, ao passo que a segunda vinda, representada no jaspe, era esperada para breve. Nos tempos do Antigo Testamento, todos esperavam a cruz, pelo que aparecia primeiro o sardônio, e só depois o jaspe, que prediz a segunda vinda.

- Além destas menções, também há referência ao jaspe em Ap. 21.19, onde se lê que os alicerces da nova Jerusalém serão de jaspe. Também havia jaspe na superestrutura da muralha da Cidade Celeste (Ap. 21.18). Já o sardônio forma a sexta camada dos alicerces da Jerusalém celeste, em Ap. 21.20. Trata-se de uma forma de quartzo de cor vermelha ou marrom-escuro, cujo nome deriva de Sardes, onde foi descoberta e de onde era exportada.

- O ouro com o qual a cidade e sua grande avenida são feitas é tão puro quanto o vidro transparente (Ap. 21.21); ou seja, o ouro puramente refinado terá um acabamento tão liso que refletirá a imagem das pessoas, como se fosse um espelho, mas será ainda mais puro e tão livre de imperfeições que poderá ser trabalhado até ficar virtualmente transparente.

12 E tinha um grande e alto muro com doze portas, e, nas portas, doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel.

- A nova Jerusalém é o retrato do futuro lar de Deus para seu povo. As 12 tribos de Israel provavelmente representem todos os fieis do Antigo Testamento; e os 12 apóstolos (versículo 14), a Igreja. Isto destaca o fato de que seus habitantes são os santos de Deus do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Assim, tanto os crentes gentios como os judeus que foram fieis a Deus viverão juntos na nova terra.

- Semelhante descrição é feita em Ez. 48.31-34: "E as portas da cidade serão conforme os nomes das tribos de Israel: três portas para o norte: a porta de Rúben, uma, a porta de Judá, outra, a porta de Levi, outra; da banda do oriente, quatro mil e quinhentas medidas e três portas, a saber: a porta de José, uma, a porta de Benjamim, outra, a porta de Dã, outra; da banda do sul, quatro mil e quinhentas medidas e três portas: a porta de Simeão, uma, a porta de Issacar, outra, a porta de Zebulom, outra". João apenas acrescenta as sentinelas angelicais, uma postada em cada porta. No livro de Ezequiel a cidade é chamada de "O Senhor está ali" (Ez. 48.35), o que não é repetido no Apocalipse, embora seja uma descrição adequada à nova Jerusalém. Convém, no entanto, notar que as medidas citadas no texto de Ezequiel não correspondem às mesmas medidas de Ap. 21.16. Se levarmos em consideração o texto da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), que fala em côvados, e não em medidas, como na Almeida Revista e Corrigida (ARC), e considerando que um côvado tem cerca de 0,5 metro, teríamos cerca de 2.250 metros de cada lado, o que seria cerca de 1.000 vezes menos que a medida de Ap. 21.16. Pode-se, contudo, entender que a medida citada por Ezequiel seria apenas das portas, o que seria até razoável, dada a grandiosidade das medidas da cidade.

- As portas da cidade, encimadas pelos nomes das doze tribos de Israel, ilustram para nós importante lição: ninguém pode ouvir o que Deus tem feito pelos eleitos, nessas descrições, sem lembrar-se das revelações divinas que foram dadas por intermédio da nação de Israel. Sem importar de que direção se vê os remidos, temos de ser lembrados da missão terrena de Jesus, o qual, por raça, era judeu. O processo espiritual histórico, que tinha essa nação como seu centro, tem ajudado a produzir esse produto final dos remidos. Portanto, devemos seguir o conselho do salmista: "Orai pela paz de Jerusalém" (Sl. 122.6).

- Em Ap. 21.21 está dito que "as doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérola", completando o quadro dessa riqueza fabulosa, eternamente pura, cidade de luz - uma noiva perfeita para um noivo que é absolutamente divino (Ap. 21.2).
- O muro da cidade sugere a segurança que os salvos desfrutam ali e também que a cidade está reservada a um povo separado (muro também fala de separação). Os nomes inscritos denotam a universalidade da igreja e sua continuidade com o antigo povo de Deus. Somente os remidos têm o direito de entrar na cidade; somente os remidos poderão ver a cidade. A muralha é elevada demais para que ali penetrem o engano, a concupiscência, os vícios, a iniquidade etc.
- Apesar de a cidade não ter inimigos externos que a invadam, os anjos representam simbolicamente a segurança eterna da cidade (conferir com o texto de Is. 62.6) e talvez o próprio fato de que ela será servida por seres angelicais de diversas capacidades. O ministério angelical, pois, aumentará a glória da cidade, bem como a eficácia da noiva como cidade espiritual.
- A presença do muro nas cidades antigas era, a um só tempo, demonstração de segurança, de soberania e de organização. Uma cidade que tinha muros era uma cidade que tinha governo, que tinha alguém zelando pela segurança dos cidadãos, que impunha autoridade e respeito. Era uma cidade que tinha ordem, que tinha organização. Era uma cidade que protegia os seus cidadãos contra os inimigos.
- Enquanto no Éden não há notícia de que houvesse muros, tanto que o inimigo ali adentrou, na nova Jerusalém isso não será possível. Não significa afirmar que haverá um muro literal, físico, até porque, como as Escrituras afirmam, o céu e a terra como conhecemos já não mais existirão a este tempo (Ap. 21.1) e a nova Jerusalém é uma cidade que vem do céu, não é algo que faça parte da criação relativa que será substituída, como descreve Pedro (2Pe. 3.10-11) e afirma o próprio Jesus (Mt. 24.35). Mas é uma forma clara de o Senhor nos revelar que a nova Jerusalém é um local de ordem, de organização, de proteção divina e onde o Senhor estabelecerá o Seu domínio para todo o sempre.

13 Da banda do levante, tinha três portas; da banda do norte, três portas; da banda do sul, três portas; da banda do poente, três portas.

- Doze é o número da perfeição teocrática; é o número dos doze patriarcas, das doze tribos de Israel, dos doze apóstolos, é a igreja aperfeiçoada ou mundo celestial do Espírito. Esse número, entretanto, se cruza e mescla com o número do mundo, o quatro, pois, de fato, se compõe de quatro multiplicado por três, ou seja, o número do mundo santificado por Deus. Outrossim, o quatro continuamente se divide em três. Assim, lemos sobre as doze portas, distribuídas de três em três nos quatro lados da cidade.
- Além disso, a própria cidade, em sua forma quadrangular, tem três quadrângulos, comprimento, largura e altura, formando um cubo. O número doze é repetido por mil vezes na qualificação dos estádios (v. 16). A altura da muralha é definida pelo número doze vezes doze, ou seja, cento e quarenta e quatro. Até mesmo com base nessas proporções numéricas, a natureza plenamente simbólica do quadro inteiro da cidade se manifesta, e o mesmo fato é mais evidenciado ainda, em particular, com base na altura da cidade.
- A distribuição das portas de três em três pode ser comparada ao acampamento de Israel, onde havia o arranjo das tribos de acordo com direções dos pontos cardeais. A leste ficavam Judá, Issacar e Zebulom; ao sul, Rúbem, Simeão e Gade; a oeste, Efraim, Manassés e Benjamim; ao norte, Dã, Aser e Naftali (Nm. 2). Descrição semelhante, mas não nesta mesma ordem, é feita em Ez. 48.31-34.
- É possível que o fato das portas apontarem para os quatro pontos cardeais subentenda aquilo que é dito diretamente em Ap. 5.9, onde se lê que os eleitos consistem de povos provenientes de cada recanto da terra, de cada raça em que se divide a humanidade. Há uma porta de admissão para todas as variedades humanas;

porque o evangelho não tem qualquer atitude exclusivista, racialmente falando.

14 E o muro da cidade tinha doze fundamentos e, neles, os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

- Os doze fundamentos (ou doze fundações, possivelmente enfileiradas) dos muros da cidade são feitas com pedras preciosas (Ap. 21.19-20). Infelizmente, a antiga gemologia (parte da geologia que trata das pedras preciosas) era demasiadamente imprecisa para identificar essas pedras com algum nível de segurança. Mas certamente eram todas pedras preciosas ou semipreciosas, e selecionadas por sua beleza. Sua variedade e número lembram as pedras do peitoral do sumo sacerdote de Israel (Ex. 28.20; 39.13) e o manto resplandecente usado pelo rei de Tiro (Ez. 28.11 e segs) antes de sua deposição.

- Temos aqui, naturalmente, uma linguagem figurada para nos mostrar que o fundamento, a razão de ser da convivência eterna com Deus é a salvação na pessoa bendita de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A salvação vem dos judeus e através da fé em Cristo Jesus. Daí porque a cidade ostentar tanto os nomes das tribos de Israel, ou seja, os filhos de Jacó que formaram o povo de onde veio a salvação do mundo, como também os nomes dos doze apóstolos, aqueles que foram os "filhos na fé" de Jesus, que foram escolhidos para iniciar a obra da igreja, o novo povo de Deus. Não há outro caminho para a comunhão com Deus senão Jesus, o Messias de Israel, a cabeça da igreja: "só há um mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1Tm. 2.5).

- Há alguma controvérsia sobre quem seriam os doze apóstolos do Cordeiro aqui citados. É provável que se considerem aqui os doze discípulos inicialmente escolhidos (Lc. 6.14-16), com a substituição de Judas por Matias (At. 1.26). Entretanto, isto excluiria Paulo, que também foi considerado apóstolo, embora ele próprio se diga um "abortivo" (1Co. 15.8).

- Segundo o Pr. Severino Pedro da Silva, é a seguinte a correspondência entre as pedras citadas em Ap. 21.19-20 e os apóstolos:

- jaspe: Pedro
- safira: André
- calcedônia: Tiago
- esmeralda: João
- sardônica: Felipe
- sárdio: Bartolomeu
- crisólito: Tomé
- berilo: Mateus
- topázio: Tiago (filho de Alfeu)
- crisópraso: Tadeu
- jacinto: Simão
- ametista: Matias

- É de se notar que aquilo que é mais venerado e procurado pelos homens que não têm a perspectiva da eternidade, aqueles que servem às riquezas e, por isso, não podem servir a Deus (Mt. 6.24; Lc. 16.13), é tão somente adorno, enfeite e material para aspectos secundários e supérfluos na cidade santa. Os muros são feitos e ornados de pedras preciosas, as ruas, de ouro. Os remidos pisarão em ruas de ouro. Ou seja, os valores materiais, aquilo que os homens tanto veneram e respeitam em nossa vida secular, nada representam na vida celestial. O ouro que é tão procurado, que é alvo de tantas disputas, que faz com que o mundo rode, na cidade santa, não passa de chão, de algo que é pisado, algo sem qualquer valor. O que mais importará ali serão os valores espirituais. A glória de Deus (v. 11) é muito mais importante do que todo ouro e pedras preciosas ali existentes.

15 E aquele que falava comigo tinha uma cana de ouro para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro.

- O anjo que acompanhou João tinha em suas mãos uma cana de ouro para medir a cidade, suas portas e o muro.
- A cana tinha cerca de 3,5 metros de comprimento.
- As medidas da cidade, portas e muro são apontadas adiante.

16 E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios; e o seu comprimento, largura e altura eram iguais.

- As medidas da cidade retratam um lugar destinado a acomodar todo o povo de Deus. Essas medidas são múltiplos de 12, o número do povo de Deus: havia 12 tribos em Israel e 12 apóstolos que deram início à igreja. Os muros (v. 17) têm 144 (12 x 12) côvados de largura; existem 12 camadas nos muros (v. 19-20) e 12 portas na cidade (v. 21). A altura, o comprimento e a largura são de 12.000 estádios, formando um cubo perfeito, com o mesmo formato do Oráculo, ou Santo dos Santos do Templo (1Rs. 6.20). Essas medidas ilustram que esse novo lar será perfeito para nós.

- Segundo os rabinos, o "estádio" era uma oitava da milha romana, ou seja, cerca de 185 metros. Portanto, doze mil estádios equivalem a 2.220 km (a lição fala em 2.260 km; a NVI fala em 2.200 km; alguns autores falam em 2.240 km; são pequenas diferenças que não influem no significado do texto); então, a cidade tinha 2.220 km de comprimento, de largura e de altura, ou seja, 4.928.400 km² e 10.941.048.000 km³ (equivalente a quase 11 quinquilhões de metros cúbicos).

- Considerando que o Brasil tem 8.547.403 km², a nova Jerusalém terá, portanto, quase 60% da área do Brasil. Se o Brasil tem cerca de 200 milhões de habitantes, pode-se especular que, na nova Jerusalém, caberá facilmente mais de 100 milhões de pessoas.

- Se ainda consideramos que não haverá no céu as limitações físicas que temos aqui, sobretudo quanto à gravidade, nada impede que as pessoas ocupem também o espaço superior da cidade, pelo que a possibilidade de ocupação se expande consideravelmente. A este propósito, Champlim escreve: "Presumivelmente seria uma cidade de muitos níveis, com ruas superpostas umas às outras".

- Falando em termos humanos, levando em consideração que uma pessoa de tamanho médio (1,75m de altura, 0,7m de largura, 0,5m de comprimento) ocupe em torno de 0,6125 m³, caberia então mais de 17 quinquilhões de pessoas na nova Jerusalém. A população atual do mundo é de cerca de 7 bilhões de pessoas. Estima-se que na Terra já viveram cerca de 106 bilhões de pessoas em todos os tempos (conforme estudos da Unicamp). Então, haveria na cidade santa um espaço de mais de 103 milhões de m³ para cada pessoa da Terra de todos os tempos, o que equivaleria a uma casa de mais de 3 milhões de m² para cada pessoa (considerando uma altura de 2,8m em cada casa).

- Poder-se-ia questionar que se deve reservar na cidade espaço para ruas, praças, prédios, monumentos etc. Ainda assim, se contássemos apenas com 1% do espaço total da cidade para as pessoas (reservando os 99% restantes para todas demais necessidades da cidade), considerando ainda um total de 106 bilhões de pessoas, teríamos um espaço de mais de 1 milhão de m³ por pessoa, o que equivaleria a uma casa de mais de 30.000 m² para cada pessoa.

- É interessante notar que o volume da cidade é praticamente igual ao volume do planeta Terra, que é de 10.810.000.000 km³. Se considerarmos que 2/3 da superfície da terra é de água (não habitável), e que, em razão de nossas limitações, só habitamos na superfície do planeta, não usando todo o seu volume, podemos

observar que a nova Jerusalém terá espaço para muitíssimo mais gente que o nosso planeta.

- Todo esse exercício matemático, até desnecessário, foi feito para apenas afirmarmos um princípio fundamental: ninguém deve ficar preocupado, pois haverá espaço mais que suficiente para todos os cristãos de todo o mundo e de todos os tempos na nova Jerusalém. A única coisa com que devemos nos preocupar é em estarmos prontos para ir lá morar com Cristo.

- Aliás, Jesus já tinha dito isto: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar" (Jo. 14.1-2).

17 E mediou o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados, conforme a medida de homem, que é a de um anjo.

- 144 côvados equivale a cerca de 72 metros, considerando-se que cada côvado tem cerca de 50 centímetros.

- A medida aqui, naturalmente, não é da extensão do muro, como poderia se pensar, já que não se pode imaginar que uma cidade de mais de 5 milhões de km² tenha um muro de apenas 72 metros de extensão. A medida aqui apresentada refere-se à largura do muro.

- Se compararmos a medida aqui apresentada com a largura do muro de Jericó, por exemplo, que se diz que tinha cerca de 6 metros, e já era considerada uma muralha imbatível (até que Deus a pôs abaixo), podemos ver a imponência dos muros da cidade celeste.

18 E a fábrica do seu muro era de jaspe, e a cidade, de ouro puro, semelhante a vidro puro.

- A descrição dos muros, feitos com jóias, revela que a nova Jerusalém será um lugar de pureza e durabilidade ela durará para sempre.

- Assim como Abraão, que esperou por fé alcançar esta cidade eterna (Hb. 11.8-10); assim como Davi, que se alegrou ao saber que sua alma não ficaria no Hades (At. 2.25-27); assim como Jesus ensinou a seus discípulos a se alegrarem não por lhes sujeitarem os demônios, mas por terem seus nomes escritos nos céus (Lc. 10.20); assim como Paulo tinha certeza de que a sua cidade estava nos céus (Fp. 3.20); assim também devemos nós também almejar ardentemente o dia em que lá chegaremos.

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, Claudionor. **Lições bíblicas: as sete cartas do Apocalipse - a mensagem final de Cristo à igreja**. Editora CPAD, 2012.

- **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Editora CPAD, 2003.

- CHAMPLIN, R.N., Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**, v. 6. Editora Hagnos, 1995.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- FORTUNATTO, Marcelo. **A formosa Jerusalém**. Subsídio enviado por e-mail.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A formosa Jerusalém**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.

- GUERRART, José Basílio. **A formosa Jerusalém**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.assembleiadedeus.org.br/>.
- JENNEY, Timothy P. **Comentário bíblico pentecostal: novo testamento**, v. 2. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- **Matemática multimídia**. Estudo publicado pela Unicamp no *site* <http://m3.ime.unicamp.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- PENTECOST, J. Dwight, Th.D. **Manual de escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros**. Editora Vida.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.